



Um podcast original da Rádio Novelo

Episódio 68

A parte que falta

Branca Vianna: Bem-vindo ao Rádio Novelo Apresenta. Eu sou a Branca Vianna.

Em janeiro de 1850, uma mulher chamada Ludwika pegou um trem, saindo de Paris. Ela tava indo pra Varsóvia. E ela tava tensa. Porque ela tava escondendo uma coisa. Debaixo da saia armada dela, tinha uma caixa pesada. Se alguém revistasse ela, ela não sabia por onde começar a explicar o que ela tava carregando. Porque o que tinha dentro daquela caixa era um vidro, cheio de conhaque. E, dentro do conhaque, tava um coração.

Essa semana, a gente tem duas histórias sobre pedaços que faltam. Peças fora de lugar no grande quebra-cabeça do universo. E nesse primeiro ato, as peças fora do lugar são corações. E um aviso antes de começar: essa primeira história faz menção a um suicídio.

ATO 1 - O CORAÇÃO REVELADOR

Ana Pinho: Muitos anos atrás, acho que uns 15 anos, a minha mãe me deu um livro chamado "Wings of Madness", que em português ficou "Asas da Loucura". E é uma biografia do Santos Dumont escrita por um ex-enciclopedista.

Branca Vianna: A gente já já volta na Ludwika e nos corações. Essa que ganhou um livro sobre o Santos Dumont é a Ana Pinho.

Ana Pinho: E a minha mãe me deu porque ela trabalhou em aeroporto com logística de avião a vida inteira, então ela achou que eu ia curtir.

Branca Vianna: A Ana praticamente cresceu em aviões e aeroportos. A fotinho do aniversário dela de um ano foi tirada dentro de um avião da Air France. Até hoje, pra Ana – ao contrário de pra vasta maioria dos seres humanos – chegar no aeroporto de Guarulhos pra ela é uma experiência meio proustiana, de lembranças de infância. O gramado no estacionamento onde ela brincava, as corridas de carrinho com o irmão...

Mas apesar de ter passado toda a infância decolando e aterrissando, a Ana não sabia muita coisa sobre o Alberto Santos Dumont. E nessa biografia tinha várias coisas curiosas, que iam bem além do fato de ele ter encomendado o primeiro relógio de pulso, etc e tal.

Ana Pinho: Ele tinha uma mesa de dois, três metros de altura, que as pessoas tinham que subir numa escadinha para sentar, porque ele queria que todo mundo se sentisse no ar... Era toda uma figura do inventor doidinho.

Branca Vianna: Lendo o livro, a Ana também ficou sabendo que o Santos Dumont foi muito mais do que um inventor doidinho. Ele era um inventor doidinho pop.

Ana Pinho: Ele tem várias musiquinhas, marchinhas... As pessoas escrevem músicas, partituras pra ele, fazem charges, ele vira garoto propaganda de tipo fósforo, cigarro, isqueiro, um monte de coisa, porque vendia. Ele era muito famoso.

Branca Vianna: O livro é uma biografia robusta, com muita pesquisa... E, no final, o biógrafo relata uma espécie de romaria que ele fez.

Ana Pinho: Ele vai visitar o coração de Santos Dumont no Museu Aeroespacial do Rio de Janeiro. E aí eu fiquei encucada com isso. Eu falei: "Gente, o coração de Santos Dumont que está no museu?"

Branca Vianna: A Ana não se aguentou. Ela precisou ver isso pessoalmente.

Ana Pinho: O escrínio do Santos Dumont, ele tem uma base de madeira, então um retângulo de madeira colocado na vertical. Dentro

desse retângulo tem alguns papéis dedicados ao Santos Dumont, que as pessoas envolvidas na doação do coração para o museu colocaram ali. E em cima tem uma estátua de mármore e ouro que é um globo, então, é um Ícaro de mármore esverdeado, segurando acima dele um globo dourado com as estrelas da constelação que a gente vê aqui no Brasil do hemisfério sul e dentro desse globo dourado que você pode abrir metade dele, mas ele fica fechado hoje em dia, fica uma segunda, o segundo globo feito de vidro – dizem que é cristal, o outro dizem que é vidro, mas enfim, detalhes – e dentro desse globo de vidro, fincado em duas hastes, fica o coração de Santos Dumont preservado em formol.

Flora Thomson-DeVeaux: A cara da Branca neste momento.

Branca Vianna: É meio assim, é meio bleh, meio eca, né?

Branca Vianna: Essa observando minha cara de nojo é a Flora Thomson-DeVeaux, que acompanhou a apuração da Ana. Mas, aparentemente, eu não fui a única pessoa a ter essa reação.

Ana Pinho: Você lembra quando você viu primeiro o coração, quando você chegou e viu?

Daniele Nunes Negrão: Eu acho que foi quando uma colega, que era responsável pela conservação, ela teve que limpar o escrínio e aí ela teve que abrir, limpar, mas assim tirar a poeira, porque o coração está dentro do líquido e tal. E ela tinha horror. E era a função dela. E ela tinha horror. Ela tinha que fazer, acho que a cada seis meses ela tinha que limpar ali. E eu olhava aquilo, e não tinha esse horror que as pessoas falavam.

Branca Vianna: A Daniele começou a trabalhar no Museu Aeroespacial, no bairro de Sulacap, em 2014.

Daniele Nunes Negrão: Meu nome é Daniele Rodrigues Barros Nunes Negrão, eu sou formada em Museologia e também arquivologia.

Branca Vianna: Quando a Daniele foi trabalhar no Museu Aeroespacial, ela já sabia – assim como a Ana, ou até como eu e você poderíamos imaginar – que ela ia ter que lidar com um acervo de aviões históricos de todo tipo. E ela, assim como a gente, não tava esperando um coração.

Daniele Nunes Negrão: Ele é clarinho, é tipo assim, um rosa clarinho bem clarinho. E como ele está no formol, na água e no vidro, tudo parece maior, ele parece que é grande.

Branca Vianna: A Daniele ficou vidrada no coração.

Daniele Nunes Negrão: E aí eu fiquei muito curiosa de como chegou, como aconteceu e tal, mas as pessoas não sabiam dizer muito...

Branca Vianna: E foi assim que nasceu uma dissertação de mestrado:

Ana Pinho: "O coração de Santos Dumont, um caso incomum de preservação no Museu Aeroespacial".

Branca Vianna: Eu perguntei pra Ana o que você provavelmente tá se perguntando:

Branca Vianna: como e porque esse coração foi para lá?

Ana Pinho: É interessante a história. Porque ela se passa durante a Revolução Constitucionalista de 32. Quando o Santos Dumont morreu, em julho – ele foi uma pessoa com muitos problemas de saúde mental que ao longo da vida teve muitos altos e baixos depressivos, e ele já tinha tentado o suicídio duas vezes antes. E quando ele estava em 32, no Guarujá, já aposentado da aviação, já um pouco se sentindo um pouco relegado, assim, ele viu na praia os aviões do governo federal indo bombardear a capital, São Paulo, e ele ficou arrasado.

Branca Vianna: Essa história de ver a invenção dele sendo usada em guerras já não tava batendo bem pro Santos Dumont. O sobrinho dele até andava escondendo os jornais, pra ele não ficar sabendo que tinha aviões brasileiros bombardeando solo brasileiro. Mas nesse dia, não teve jeito.

Ana Pinho: E aquilo ali foi o gatilho para ele, num descuido do sobrinho que cuidava dele para que isso não acontecesse – subir para o quarto de hotel dele e se enforcasse com a gravata.

Branca Vianna: O Santos Dumont tinha 59 anos. Anos antes, ele tinha comprado um jazigo no Rio de Janeiro, no Cemitério São João Batista. Ele queria ser enterrado lá, junto com os pais dele. Mas o país tava em guerra. Rio e São Paulo sobretudo.

Ana Pinho: Então a família pediu que ele fosse embalsamado para que ele fosse preservado, para que ele fosse trasladado quando desse.

Branca Vianna: O corpo do Santos Dumont foi embalsamado no dia seguinte da morte.

Ana Pinho: Por um professor da USP, um médico austríaco chamado Walter Haberfeld.

Branca Vianna: E, em algum momento do processo, o Haberfeld tomou uma decisão.

Daniele Nunes Negrão: As vísceras, ele diz que ele jogou fora, que ele descartou, mas o coração ele não descartou.

Ana Pinho: Ele retira o coração e ele guarda o coração.

Branca Vianna: Pra ele.

Ana Pinho: Guarda pra ele.

Branca Vianna: O Haberfeld conhecia a história da Ludwika, a mulher que eu mencionei no começo do episódio. Ela era a irmã do compositor Frédéric Chopin, que morreu de tuberculose em Paris em 1849.

Antes de morrer, ele tinha pedido pra ela providenciar a retirada do coração dele e levar pra Varsóvia, a capital da Polônia, que era a terra natal deles. Porque ele queria mesmo era ser enterrado lá – mas naquela época Varsóvia tava ocupada, governada pelos russos... e eles não tinham nenhum interesse em deixar o corpo de um herói nacional ser recebido pela população polonesa...

Então a Ludwika teve que levar o coração em segredo, debaixo das saias dela. Era um ato de amor. Tanto da irmã pelo irmão, quanto do irmão pelo país. E o coração tá lá até hoje, numa igreja de Varsóvia.

Daniele Nunes Negrão: Eu achei um trabalho de um cardiologista alemão em que ele foi mapeando alguns corações que existem na Europa, e ele diz que, na Idade Média, com as guerras, principalmente os nobres, os reis, quando eles morriam longe da terra natal deles e eles iam principalmente para as guerras santas, eles não queriam que o corpo deles ficassem lá.

Branca Vianna: Então os corações eram retirados, preservados do jeito que dava, e levados pra casa. Não faltam exemplos de corações peregrinos na história.

Daniele Nunes Negrão: Depois, quando não tinha mais esse período de guerra, começou uma coisa assim dos nobres, o alto clero, de querer enterrar seu coração em alguma igreja de devoção, com algum santo. Então o corpo ficava em algum lugar, às vezes enterrado ao lado da esposa, da família, e o coração na igreja daquele santo.

Branca Vianna: E teve o próprio imperador Dom Pedro I, né, que pediu para ser enterrado em Lisboa, mas mandou o coração pro Porto. O que não impediu o corpo dele de ser trasladado para São Paulo nas comemorações do bicentenário da Independência, em 1922, nem o coração de passear pelo Brasil em 2022.

Bom, mas voltando pro médico Walter Haberfeld, naquele dia de julho de 1932.

Ana Pinho: E aí ele pensou nisso, naquela figura histórica, porque a gente esquece, mas Santos Dumont era uma celebridade gigantesca em vida. Imensa. E ele decide guardar esse coração. E ele entra em contato com a família e fala: "Guardei esse coração", a família não responde.

Branca Vianna: Porque, afinal, tinha uma diferença crucial entre todos esses casos – o Chopin, o Dom Pedro, os reis nas guerras santas – e o Santos Dumont. A diferença é que nem o Santos Dumont nem a família dele pediram pro coração ser retirado.

Daniele Nunes Negrão: A família achou aquilo horrível. O que vai fazer com aquilo? Então... não retornou, não quis saber da peça. E ele guardou no laboratório dele.

Branca Vianna: Na tese da Daniele tem uma foto do coração no laboratório do Haberfeld.

Ana Pinho: E aí tá escrito assim... per aí. Aqui. Está escrito: "Professor Walter Haberfeld, Laboratório de Microbiologia e Anatomia Patológica, coração do Sr. Alberto Santos Dumont, embalsamado em 24/07 de 1932". Aí tem até o endereço: "Rua Aurora, 981. Telefone, que eu achei engraçado: 41769".

Branca Vianna: Importante identificar, ter todos esses dados, né? Vai que ele perde.

Flora Thomson-DeVeaux: Imagina se você acha no metrô, no banco de um táxi, aí você sabe pra quem ligar.

Branca Vianna: Pelo o que a gente sabe, a partir daí, o pote ficou quietinho, na prateleira do laboratório.

Ana Pinho: E aí, manteve nesse potinho durante 12 anos...

Branca Vianna: De 1932 até 1944.

Ana Pinho: E naquele ano de 44, a Aeronáutica estava se preparando para começar a criar um museu. Então eles tinham colocado uma chamada falando que qualquer coisa relacionado a aeronáutica que alguém quisesse doar pro museu, o museu estava aceitando.

Daniele Nunes Negrão: Qualquer objeto de aeronáutica, revista...

Ana Pinho: Qualquer, né?

Daniele Nunes Negrão: Qualquer peça que fosse interessante para o Museu de Aeronáutica.

Branca Vianna: Nisso, um executivo da PanAir, que era uma das maiores empresas aéreas do país, ficou sabendo do que tinha no potinho do Dr. Haberfeld.

Ana Pinho: A coisa mais especial que alguém poderia doar para a Aeronáutica, que é o coração de Santos Dumont. E ele faz essa intermediação entre o médico e o governo para doar o coração.

Branca Vianna: Mas antes de fazer qualquer coisa, o Dr. Haberfeld pediu pra consultar a família.

Ana Pinho: Entra em contato com a família mais uma vez. Um sobrinho responde e fala que vai ver com a família. Vai ver com a mãe dele, a irmã de Santos Dumont. E ninguém responde nada de novo.

Daniele Nunes Negrão: E aí, passado um tempo, volta. Ele diz então que ele se vê na obrigação dele dar uma resposta e que ele doaria o coração à PanAir.

Branca Vianna: E aí o Paulo da Rocha Gomide, que era o executivo que tinha intermediado tudo, cuidou de fazer aquela escultura, com o Ícaro segurando o globo, e o coração guardado ali dentro.

Ana Pinho: E o coração passa do vidrinho que estava lá no laboratório do Habermeld, para o escrínio que o Paulo Gomide criou.

Branca Vianna: Só que tinha um detalhe. Tinha a bola de vidro, o globo dourado, a estatuetazinha de Ícaro, tudo bonitinho. Mas ainda não tinha o museu. Ele tinha sido anunciado, mas ainda ia demorar uns bons anos pra sair do papel.

Daniele Nunes Negrão: Então foi doado para a escola de aviação que ficava ali no Campo dos Afonsos, onde hoje é o Museu Aeroespacial. E ficou lá durante anos, se não me engano, num salão nobre da escola e sendo exposto mesmo porque eu achei fotos na internet de crianças ao lado do coração tirando foto.

Branca Vianna: Aqui, um parêntesis. Em vida, Santos Dumont expressou fortes opiniões a respeito do Campo dos Afonsos.

Daniele Nunes Negrão: Eu acho que isso não é segredo para ninguém, que ele não era nem de acordo que a escola de aviação fosse no Campo dos Afonsos.

Ana Pinho: Ele achava que a pista era muito pequena e os aviões da época precisavam de uma pista longa para decolar, mas, assim, ele detestava.

Branca Vianna: Na época em que a decisão sobre a localização da escola de aeronáutica tava sendo tomada, ele até quis intervir.

Ana Pinho: Ele escreve uma carta para o governo falando: "O Campo dos Afonsos..." Em outras palavras, porque ele era muito polido. "O Campo dos Afonsos é horrível. É péssimo. É um espanto. Não façam".

Branca Vianna: Bom, foram lá e fizeram. E o coração do Santos Dumont morou muitas décadas lá.

Quando a escola de aviação foi pra Pirassununga, no interior de São Paulo, o coração foi junto. Mesmo depois da inauguração oficial do museu, em 1976, o coração ficou lá.

Daniele Nunes Negrão: Inclusive eu descobri um vídeo, que tinha um programa do Gugu.

***Gugu Liberato:** Bom, amigos em todo o Brasil, está começando agora o programa "Cidade Contra Cidade".*

Daniele Nunes Negrão: E o coração aparece nesse programa. Porque Pirassununga versus uma outra cidade que agora não me recordo.

Ana Pinho: Pirassununga versus Registro.

***Gugu Liberato:** Do meu lado direito está a cidade de Pirassununga! [multidão grita] E do meu lado esquerdo está a cidade de Registro!*

Daniele Nunes Negrão: E o programa, o Gugu fazia assim: "O que tem de curioso na sua cidade?"

Ana Pinho: Registro traz várias coisas feitas com fibra de banana, como Registro é conhecida por fazer coisas de banana.

***Gugu Liberato:** As 1001 utilidades da bananeira.*

Ana Pinho: Aí eles falam: "Agora, Pirassununga!" E aí vêm uns tenentes e mostram, assim: "Aqui a gente tem o coração de Santos Dumont". Tá lá aberto, tal dá para ver.

***Gugu Liberato:** Vamos agora passar a curiosidade de Pirassununga. A curiosidade de Pirassununga, que pertence ao patrimônio histórico da Força Aérea Brasileira e que pela primeira vez será exibido ao público. Vamos tirar a parte de cima e vamos ver o coração. Vejam só.*

Daniele Nunes Negrão: Eu acho que Pirassununga até ganha esse programa.

***Gugu Liberato:** Essa é a curiosidade de Pirassununga. E vamos então agora. Muito obrigado, capitão. Vamos agora à opinião das torcidas. Aplausos para a curiosidade de Registro.*

Branca Vianna: Nossa pesquisa mais aprofundada deu conta de que a memória da Daniele tá meio turva no que tange a essa atração dominical. Claro, nada mais natural do que ela torcer por Pirassununga nessa disputa. A memória de todo mundo é seletiva.

Mas, pra fins de total transparência, precisamos esclarecer que o programa não era só sobre as curiosidades de cada cidade; tinha gincana aquática, apresentação musical, desafio de conhecimento... A curiosidade de cada cidade valia só um ponto. E, nesse ponto... bom, vou deixar vocês ouvirem o voto da jurada Watusi.

***Watusi:** Eu acho que o Santos Dumont realmente te dá um certo calafrio, te dá um negócio assim, arrepiante, de você saber que a ciência pode conservar durante tantos anos, o coração de uma pessoa tão importante, tão, tão significativa para a humanidade como foi a Santos Dumont. Eu acho isso fantástico, mas eu acho que como... Como é que se diz? Como curiosidade, eu acho que a banana é ótima.*

Branca Vianna: O coração não só apareceu no programa do Gugu, ele foi humilhado no programa do Gugu. Mas, a memória da Daniele não traiu ela completamente. Pirassununga ganhou, sim, a disputa contra Registro naquele "Cidade contra cidade". Ganhou apesar do coração.¹

E naquele mesmo ano – *não sei se por causa desse incidente televisivo, mas não dá pra descartar* – o museu finalmente pediu pra pegar o coração de volta. Desde 89, o coração tá lá, no Museu Aeroespacial – ou MUSAL.

Suboficial Maurício: Realmente, para tu ver, é o único museu de aviação que nós temos um coração.

Branca Vianna: Esse é o suboficial Maurício Inácio da Silva.

Suboficial Maurício: Nós temos, acho que mais de 300 corações preservados no mundo. Mas em museu de Aeronáutica, realmente, o nosso museu é o único que preserva uma parte do corpo humano que é o coração.

¹ Quando Pirassununga passou a enfrentar Promissão, na semana seguinte, eles trouxeram como curiosidade um tipo natural de inseticida ([1:04:18](#)) – e perderam novamente, desta vez para Promissão, que trouxe esculturas microscópicas. Na terceira edição, contra Itaguaí, Pirassununga levou um luthier e Itaguaí levou um especialista em morcegos vampiros – dessa vez, finalmente, Pirassununga ganhou o ponto.

Branca Vianna: O sub Maurício recebeu a Ana e a Flora no MUSAL em setembro de 2023 e deu um tour guiado pra elas. O museu fica em Sulacap, na Zona Oeste do Rio, e ocupa um grande hangar – justamente onde era a antiga escola de aviação da Força Aérea. Hoje em dia, esse hangar tá cheio de aviões históricos.

Suboficial Mauricio: Aí nós temos aqui, porque o próprio Demoiselle do Santos Dumont, quando foi em 1910, ele parou de voar. Ele estava com problema de saúde, não queria voar mais. Aí o Roland Garros comprou a Demoiselle dele e o Roland Garros fez alguns voos com Demoiselle do Santos Dumont. Só que em determinado momento ele caiu, quebrou a Demoiselle toda. Aí não sobrou nada. Então o nosso museu, ele tem todas, as quase na sua totalidade, todas as suas peças são peças originais, então é de grande valor. Somente os do Santos Dumont que não são originais.

Flora Thomson-DeVeaux: Uma peça original do Santos Dumont tem, né?

Suboficial Mauricio: Sim, tem o coração, né. Esse é só esse, não tem jeito.

Branca Vianna: Depois de apreciar caças, biplanos e bombardeiros, a Ana e a Flora subiram pra sala daquela peça originalíssima.

Ana Pinho no MUSAL: “Em 24 de outubro de 1944, durante as comemorações da Semana da Asa, foi feita a entrega pelo Dr. Paulo Sampaio, o presidente da PanAir Brasil, ao Dr. Salgado Filho, ministro da Aeronáutica, o coração embalsamado de Alberto Santos Dumont, que havia sido retirado de seu corpo por ocasião da autópsia realizada pelo Dr. Walter Haberfeld”. Não consigo ver aqui o que deve dobrar ou deve abrir essa metade como se fosse o Equador, dá pra ver que é onde ela abre. E aí a gente tem várias estrelas ligadas, como constelações, formando as constelações. E a gente consegue se ver no reflexo da esfera, mas por dentro é totalmente em preto.

E aí eu ficava puxando a Flora, falando: "Acho que eu estou vendo alguma coisa", eu ficava ali na ponta do pé: "Acho que eu estou vendo!" E agora eu acho que eu não vi nada.

Suboficial Mauricio: Tá querendo ver de qualquer jeito o coração!

Ana Pinho no MUSAL: Eu acho que eu vi um pedaço!

Ana Pinho: Eu acho que eu vi por força do meu pensamento.

Flora Thomson-DeVeaux: Não sei se ficou claro que tem esse globo dourado e as estrelas são recortadas, então tem esses mini-buraquinhos que você fica olhando através da estrela tal para ver se você está enxergando alguma coisa. É complicado.

Branca Vianna: Ahh tá.

Suboficial Mauricio: Você não leva tanto susto porque a obra, o trabalho feito dos dois artistas na hora de preparar esse escrínio é tão maravilhoso que a pessoa fica encantada. O Ícaro segurando aquela esfera, representando o planeta. Então é uma coisa tão bacana que essa questão do susto por saber que ele tem um coração, ela se perde e você não está visualizando o coração. Se você chegasse, se tivesse vendo o coração, de repente você até se assustaria, que a gente tem mais de outro coração. São umas figuras assim, meio diferente, mas ali não. Você vê uma obra de arte maravilhosa que está sustentando ali o coração.

Branca Vianna: Só que tem uma consequência peculiar dessa obra de arte. Quase ninguém percebe que o coração tá ali.

Ana Pinho: A gente chegou tarde, a gente chegou no fim da tarde, então a gente estava pegando a rabeira das das excursões de crianças, tinha muitas crianças. Elas adoram os aviões e a gente encontrou alguns pais com seus filhos que estavam passeando por ali. É um ambiente bem de família mesmo, né? Um museu mais familiar. E a gente perguntou pra duas famílias que a gente encontrou, se tinham visto o coração, se sabiam que o coração estava lá. "Você sabia que o coração tava lá?"

Juliana: Não. Estava lá? Eu vou voltar lá, tá, gente?

Flora Thomson-DeVeaux: Essa esculturinha num pedestal fica bem no meio. Então você percebe assim quando você for ver, tem uma centralidade ali. Mas é a tragédia de sempre. Ninguém lê a placa de nada.

Branca Vianna: Ninguém lê a placa. Flora e Roman Mars, os defensores de "sempre leiam a placa".

Ana Pinho: A maioria das pessoas que tava lá na sala com a gente não parava para ver o escrínio, então não sabia que o coração estava ali dentro. Então achava que era só uma estátua.

Wesley: Eu vi, mas não reparei.

Ana Pinho: O que você acha de ter o coração do Santos Dumont, o órgão, no museu?

Wesley: Deu um misto de sentimento aqui [ri]. É muito louco.

Branca Vianna: As pessoas ficavam um pouco espantadas, meio confusas... Mas impactadas.

Branca Vianna: É interessante isso. Vocês falaram que as famílias com quem vocês conversaram acham bacana o coração estar lá... eu já estou repensando aqui de eu achar meio "eca", meio esquisito, assim, inclusive por não ter autorização dele... mas vai ver que não, vai ver que a simbologia do fato do coração representar os sentimentos, e representa a coragem e os Santos Dumont é meio sinônimo de coragem, de ousadia, de criatividade. De certa forma, é legal que ele esteja lá, que as pessoas possam fazer essa relação. Se sintam assim, se sintam tocadas ao ver dizer – meu Deus, está aí o coração desse homem tão imenso.

Ana Pinho: Ah, e tem essa ainda, que é engraçado. Como o coração tá no líquido e ele está numa coisa redonda. Quando você abre, ele tem uma ilusão de ótica que ele parece grande. E aí as pessoas falam: "O coração enorme de Santos Dumont, era muita coragem!"

Branca Vianna: A gente pode dizer que Santos Dumont era, de fato, muito corajoso – mas que não, o coração dele não era maior do que o normal. E a gente sabe disso porque em 2020, o coração foi tirado do globinho dele e examinado.

Daniele Nunes Negrão: Eu acabei conhecendo o dr. Marcelo Pelajo, que ele é da Fiocruz. Isso não está no meu trabalho, porque isso aconteceu depois.

Branca Vianna: Essa, de novo, é a Daniele Nunes Negrão, que fez a dissertação de mestrado dela sobre o coração do Santos Dumont.

Daniele Nunes Negrão: Nós fizemos uma parceria. O Museu Aeroespacial fez uma parceria com o Museu da Patologia, que fica na Fiocruz...

Ana Pinho: E aí levaram como uma operação, assim, militar, mesmo. Tinha batedores, tinha guardas armados...

Daniele Nunes Negrão: Saiu do Campo dos Afonsos e tinha os batedores da Aeronáutica, sabe? Foi uma coisa.

Ana Pinho: Trocaram o líquido, arrumaram as hastes, limpavam os vidros e colocaram de volta.

Branca Vianna: O coração tá em bom estado, agora num líquido novo, pronto pra continuar sua existência museológica.

E isso ao mesmo tempo é e não é o que a Daniele queria.

Ana Pinho: Ela mesma é um pouco ambivalente em relação ao coração estar no museu.

Daniele Nunes Negrão: Eu acho que ele merecia estar descansando em paz. Todo o conjunto.

Ana Pinho: O ideal seria que o coração voltasse e fosse enterrado em Botafogo com o corpo dele. Mas ele, estando ali, ele sendo um objeto de museu, ela sustenta, e ele tem que ser preservado, e ele tem que ser divulgado.

Daniele Nunes Negrão: Não deveria, mas está. E a partir do momento que ele está é nossa responsabilidade, é nossa obrigação preservar.

Branca Vianna: O que tá rolando agora é um meio-termo esquisito. Ninguém tá falando em reunir o coração com o resto do corpo. Ele tá no museu, ele tá preservado, mas quase ninguém, mesmo quem vai ao museu, fica sabendo disso.

Ana Pinho: Ele está ali, mas ele está invisível, visível. Ele está ali, no limiar do visível e invisível.

Daniele Nunes Negrão: Eu fico triste. Eu fico triste porque eu confesso que eu tenho um amor por aquela peça, tenho respeito...

Ana Pinho: O pessoal brincava com ela, falava: "Ah, olha lá, o coração da tenente"— porque ela ficou afeiçoada àquela peça.

Daniele Nunes Negrão: Tinha uma época até que eu entrava na sala e o tipo, assim, pedia licença, cumprimentava assim. Eu acho que eu era a única no museu que tinha esse comportamento. Porque os meus colegas são: "Ai, que horror!"

Branca Vianna: A Daniele acha que, já que o coração tá ali, ele tinha que estar em destaque. Só não dá pra ficar literalmente exposto, com o globo aberto.

Daniele Nunes Negrão: Por conta do formol, que com o tempo ele vai se degradando. Mas eu sugeri e inclusive o trabalho propõe uma exposição que pudesse ser mostrado através de vídeo, de fotografia, de dar um destaque diferente, de reformular aquela exposição. Mas eu ouvi a mesma coisa. "As pessoas não querem ver isso". Eu falei lá no museu: "Gente, vocês não querem mostrar o coração, mas ele aparece até no programa do Gugu".

Branca Vianna: Agora, acontece que o coração do Santos Dumont não é nem a peça que passa mais despercebida lá no MUSAL.

Ana Pinho: Então, essa é uma questão interessante, porque lá no Museu Aeroespacial, não tem um coração só. Tem dois.

Branca Vianna: Dois do Santos Dumont? Não, espero.

Ana Pinho: A história não é tão estranha assim. É do Brigadeiro Eduardo Gomes, que é o brigadeiro que originou o nosso doce brigadeiro.

Suboficial Mauricio: Nós temos dois corações aqui no museu. Nós temos o coração dos Santos Dumont e o coração de Eduardo Gomes, que é o patrono da Força Aérea Brasileira.

Daniele Nunes Negrão: Que fica mais escondido ainda do que o do Santos Dumont.

Branca Vianna: Saindo da Sala Santos Dumont, virando à esquerda e indo até o final do corredor, tem uma outra sala. E, no cantinho direito daquela sala, encostado na parede, tem um escrínio igual ao do Santos Dumont. Um Ícaro segurando um globo dourado.

A Daniele não achou documentos em que o Eduardo Gomes expressasse esse desejo em vida – de ter o coração dele preservado. Mas tem documentação da família consentindo em doar o coração pro museu.

Daniele Nunes Negrão: A ideia era essa, de que fosse exposto ao lado do coração do Santos Dumont. São ícones muito importantes para a Força Aérea Brasileira, né?

Branca Vianna: Se a vontade foi essa, ela não foi respeitada. Nem os corações tão lado a lado, nem as pessoas ficam sabendo dessa homenagem. E tem mais uma.

Na revolução de 32, o Eduardo Gomes chegou a comandar os bombardeios a cidades paulistas. Guaratinguetá, Aparecida, Campinas... Justamente o tipo de ação que o Santos Dumont viu no dia que ele resolveu acabar com a própria vida.

Daniele Nunes Negrão: “Vamos expor os dois corações lado a lado”. Mas será que se Santos Dumont tivesse a oportunidade de estar ali com Eduardo, ele ia apertar a mão?

Flora Thomson-DeVeaux: É como se fosse o objeto que coloca em xeque o museu inteiro pra mim. Eu fiquei muito desconfortável, porque a gente passou um bom tempo, a gente foi na sala de Santos Dumont por último, e antes disso era a gente desfilando por um corredor gigante de aviões de guerra. Aí você chega ali e você tem o coração desse homem que não aguentou ver a invenção dele sendo usada pra matar – por brasileiros pra matar brasileiros.

Branca Vianna: Numa das primeiras salas do MUSAL, naquela visita, tinha uma exposição dos 150 anos do nascimento do Santos Dumont. E ali do lado, tinha aviões de guerra. E não eram quaisquer aviões de guerra.

Suboficial Mauricio: Esse avião aqui é o avião que, em 1932, ele passou por cima da praia do Guarujá, onde Santos Dumont estava, para atacar a capital de São Paulo, o Campo de Marte, aquele campo de pouso.

Branca Vianna: Deve ser difícil olhar prum avião desses e não se colocar no lugar do Santos Dumont naquele dia de julho de 1932.

Ana Pinho: Eu acho que é tipo metafórica da ideia da invenção, né? Que você abre essa caixa de Pandora e você não sabe exatamente o que vai acontecer com o que você criou. E Santos Dumont, no começo ele não era avesso a usar militarmente, mas ele pensava meio que ia ser como balões que as pessoas usavam pra reconhecimento de terreno. Ou talvez fosse usar pra transporte de carga, resgate de pessoas. Não parece que teria passado pela cabeça dele a ideia, mas hoje em dia óbvia pra gente, que é que eles fossem ser utilizados para matar gente. E ele ficou muito surpreso, muito triste, muito arrasado, e contribuiu para esse fim.

Branca Vianna: As circunstâncias desse fim, aliás, demoraram anos pra serem conhecidas.

Ana Pinho: A questão do suicídio dele na época foi omitida.

Branca Vianna: Segundo um depoimento do delegado da cidade, já nos anos 70, essa decisão foi tomada entre a família e a polícia. Eles resolveram falar que ele tinha morrido... do coração.

Ana Pinho: O que eu acho irônico em muitos níveis, mas que era uma coisa dupla. Você tinha ainda um problema com a igreja em relação aos suicidas...

Branca Vianna: Ah, claro.

Ana Pinho: Que tinha um tratamento diferenciado, e você tinha um problema em relação a essa época dos grandes heróis nacionais. Você tem um grande herói nacional que se mata no meio de uma guerra constitucionalista, em que toda a simbologia está em disputa.

Branca Vianna: Tem um conto do escritor americano Edgar Allan Poe chamado “O coração revelador”, que é contado da perspectiva de um homem que surta e mata um velhinho que mora com ele. Ele desmembra o corpo e coloca embaixo do assoalho. Depois, a polícia vem interrogar ele sobre o sumiço do velhinho. Eles estão sentados ali no quarto, conversando, e o narrador começa a ouvir um som. Baixinho, abafado, mas inconfundível. O coração batendo.

Ele tenta fingir que nada tá acontecendo, tenta fingir a maior normalidade, mas ele não consegue. Depois de um tempo, ele não aguenta mais, e fala pros policiais: confesso tudo. Arranca as tábuas. O coração tá ali.

É claro que ninguém matou Santos Dumont. A gente não tá falando de um assassinato aqui. Mas não deixa de ser incômodo esse coração – que chegou a ser culpado pela morte do dono – morando lado a lado com os aviões que sobrevoaram o Guarujá naquele dia. É como se tivesse um batimento ali, acusando algum tipo de culpa, que ninguém ouve.

Ana Pinho: Será que ele vai sair de lá? Provavelmente não, porque a família nunca mais falou nada sobre o assunto. Então a família, a gente perguntou para uma advogada: a família poderia mudar de ideia? E ela falou, "Sim, todo mundo pode mudar de ideia. Agora, se você vai entrar na Justiça, se isso vai dar certo, a gente não sabe." Mas, na teoria, a família poderia mudar de ideia, revogar essa autorização e enterrar o coração. Mas não parece que vai haver esse movimento. Então ele vai continuar lá.

Branca Vianna: O coração sofreu uma metamorfose. Quando ele deixou de bater, ele virou uma coisa. E quando ele entrou no museu, ele virou uma peça. Acho que a questão é o que, exatamente, essa peça tá dizendo.

Ana Pinho: É uma peça que a gente não pode dizer que não faz refletir. Ela cumpre um papel importante ali, de estar exposta, porque ela te faz refletir sobre um monte de coisa.

Branca Vianna: É verdade.

Ana Pinho: Mas ela é extremamente ambígua.

Branca Vianna: Essa foi a Ana Pinho, colaboradora da Rádio Novelo.

Algumas ausências são tão gritantes que é quase impossível ignorar.

Mas muitas vezes, em meio à bagunça da vida, tem outras coisas faltando que a gente demora pra se dar conta.

Uma coisa que ajuda nessas horas é uma boa sistematização. Um jeito de organizar tudo e conseguir enxergar o que que tá fora de lugar e o que que tá faltando.

A gente sabe que o mundo, de forma geral, resiste bastante a qualquer tentativa de organização.

Felizmente, a Bia Guimarães foi atrás de uma história que quase dava pra contar nas células de uma planilha.

ATO 2 - A LETRA Q

Bia Guimarães: Numa entrevista prum programa de TV, em 2009, o escritor italiano Umberto Eco disse que se ele tivesse que escolher um livro, um só, pra levar pruma ilha deserta, ele levaria...

Umberto Eco: Io dico l'elenco telefonico...

Bia Guimarães: Uma lista telefônica.

Sim, aquela brochura gigante que a gente usava antigamente pra encontrar o número de telefone de uma pessoa, de uma loja... ou simplesmente pra fazer peso de porta.

Umberto Eco: Perché con tutti quei personagqi se possono inventare.

Bia Guimarães: O Umberto Eco disse que na lista telefônica tem tantos nomes, tantas pessoas, que daria pra tirar dali uma porção de personagens. Prum romancista, aquilo era um tesouro. Mas a verdade é que naquela época da entrevista, ele tava fascinado com listas no geral.

Ele tinha acabado de terminar um trabalho a convite do Museu do Louvre. A proposta do museu era que ele organizasse um conjunto de exposições, de conferências e de concertos com o tema que ele quisesse. E depois de pensar um pouco, ele bateu o martelo. O tema ia ser listas.

Umberto Eco: C'è gente che ama scalare il Monte Bianco [...] i gente che ama occuparsi di listi.

Bia Guimarães: "Tem gente que gosta de escalar montanha, e tem gente que gosta de listas". Simples assim.

O que o Umberto Eco decidiu fazer foi uma grande viagem pela maneira como a humanidade cataloga as coisas. Uma viagem por listas de todo tipo: inventários, catálogos, coleções, enciclopédias, dicionários, enumerações, classificações... Listas escritas, listas visuais. Listas práticas, listas mais poéticas.

Ele fala sobre como, pra muitas culturas, as listas são a forma mais fundamental de organização de informações; sobre como os jeitos de catalogar refletem o espírito do tempo; e sobre como vários autores – o James Joyce, o Shakespeare, e o próprio Umberto Eco –, sobre como as obras deles tão repletas de listas. E no fim dessa viagem toda, ele publicou o livro "A vertigem das listas". *(Se você não conhece, vale a pena colocar ele aí na sua lista.)*

Nem sempre a gente para pra pensar no tanto que essas coisas fazem parte da vida da gente, né? Mas é catalogando que a gente tenta dar conta do mundo. Que a gente entende tudo o que tem ou sabe, pra aí entender tudo que falta. É como a gente tenta "tornar a infinitude compreensível", como o Umberto Eco dizia.

Eu me considero uma pessoa que tem uma relação básica com as listas. Eu faço lista de compras, lista de tarefas, lista de lugares que eu quero conhecer, de contas que eu tenho que pagar... Mas é tudo prático e temporário. Eu não tenho nenhum gosto especial pelo ato de catalogar.

E não sei você, mas por mais que eu tenha achado maravilhosa aquela resposta do Umberto Eco, eu não sou o tipo de pessoa que levaria a lista telefônica pruma ilha deserta. Mas esses dias eu conversei com uma pessoa que nasceu com esse espírito aí...

Daniel: Eu acho que pra mim sempre foi uma coisa meio divertida de ter registros e coleções de maneira geral.

Bia Guimarães: Esse é o Daniel.

Daniel: Eu tenho 30 anos, eu sou nascido, criado e crescido em São Paulo capital.

Bia Guimarães: O Daniel é biólogo de formação. E, sim, ele adora pensar em genealogias e na taxonomia que conecta os seres vivos do planeta. Mas esse gosto por classificar e ordenar as coisas veio muito antes da faculdade. Começou com as coleções – que, naquela visão do Umberto Eco, são também uma espécie de "lista material".

Bia Guimarães: Você lembra qual foi a sua primeira coleção?

Daniel: Lembro. Na verdade, eu tenho ajuda de terceiros, porque eu mesmo não lembro muito. Mas foi uma coleção de latas. Mas sabe latinhas com tampa, que nem aquela famosa lata de biscoito que todo mundo tem um kit de costura dentro? Eu tinha uma coleção dessas latinhas quando eu tinha uns três, quatro anos, assim. E a minha brincadeira era organizar por tamanho.

Bia Guimarães: Toda criança junta coisas, né? Figurinha, bonequinho, gibi. Mas pro Daniel, boa parte da graça tava em criar algum tipo de ordem pra esses objetos.

E um tempo depois da coleção de latinhas, veio a de rochas.

Daniel: Então eu tinha essa coleção, ficava numa caixa. E no começo, as rochas, elas ficavam todas meio misturadas. Mas quando eu ia brincar, mexer com essas rochas, eu ficava separando. E eu lembro de ficar super incomodado que elas não tinham cada uma o seu cantinho. E aí eu fui no mercado com a minha mãe e a gente comprou um monte daqueles saquinhos ziplock e pegamos uma caneta marcador permanente. E a gente foi escrevendo nos ziplocks os nomes de cada tipo de rocha e colocando dentro do saquinho só aquele tipo de rocha. E eu lembro muito da minha mãe falando: "Ai, mas quando ficavam todas coloridas, misturadas, era tão bonito". Mas eu lembro de adorar – eles existem até hoje – os saquinhos com os nominhos escritos, existem até hoje.

Bia Guimarães: O Daniel me mandou uma foto dos saquinhos com as pedrinhas. Tem lá escrito em cada saquinho o tipo de rocha – ametista, ágata vermelha, pedra da lua – e a quantidade de amostras que tem ali dentro. Dá pra notar pela letra que ele ainda tava aprendendo a escrever nessa época.

Meio que daria pra dividir as eras geológicas da vida do Daniel em coleções. Teve a época das latinhas, das penas de pássaros, das rochas, dos pôsteres de filme, das miniaturas de personagens...

Daniel: Algumas coleções passaram pela minha vida, fizeram sentido num determinado momento, pararam de fazer.

Bia Guimarães: Mas tem coleções que acompanham ele há um bom tempo. Tipo a de calendários de parede, que já tem 13 anos e contando. E a de plantas, que ele registra numa planilha detalhada:

Daniel: Qual é a espécie...

Bia Guimarães: Quando que essa plantinha chegou até ele...

Daniel: Os cuidados básicos...

Bia Guimarães: A procedência...

Daniel: Se ela é nativa, se ela é exótica...

Bia Guimarães: É olhando essa lista que o Daniel entende as plantas que ele tem, que ele teve e não tem mais, e as que ele ainda quer ter. O que tá faltando nessa coleção.

Mas entre as coleções dele que ainda tão em atividade, existe uma não-material, digamos assim. Uma coleção não de itens, mas de momentos. Essa ele começou ainda na adolescência, quando ele tava no ensino médio.

Naquela época, o Daniel já se entendia como gay. Ele já tinha até conversado sobre isso com uma amiga e com os pais dele também.

Daniel: Que eu tinha vontade de ficar com meninos. Mas isso nunca tinha acontecido.

Bia Guimarães: Ele já tinha beijado menina, mas nunca tinha beijado um menino. E apesar dele ter os privilégios dele, de ser um garoto branco e magro, por exemplo, realizar essa vontade não parecia exatamente fácil.

Daniel: Eu sempre fui um menino muito franzino, um menino muito nerd, um menino que nunca teve muitos amigos homens, que tinha uma insegurança com a imagem corporal, com a interação social.

Bia Guimarães: Até que ele ficou sabendo de uma galera da idade dele, uma galera do teatro, que fazia umas festinhas legais. Onde não era tão raro você ver dois meninos se beijando.

Daniel: Meu Deus, preciso começar a ir nessas festas que uma hora minha vez chega, né?

Bia Guimarães: Até que uma hora... chegou.

Daniel: E foi meu primeiro beijo gay da vida. E virou uma chavinha em mim naquele dia, e eu nunca mais parei. E aí quando eu fiquei pela primeira vez com um menino, essa minha amiga já era muito mais experiente do que eu, a gente começou uma brincadeira. Uma competição amigável, assim. E essa competição era: ver quem conseguiria beijar um homem cuja letra, a primeira letra do nome, fosse uma das letras do alfabeto.

Bia Guimarães: A ideia era completar um alfabeto de beijos. Ou seja, beijar pelo menos uma pessoa cujo nome começasse com a letra A, e pelo menos uma com a letra B, com a letra C, e por aí vai. Mas não necessariamente nessa ordem. Podia ser o F, depois o M, depois o D... Mas os nomes eram registrados na lista em ordem alfabética, e o objetivo era completar esse álbum de figurinhas.

Daniel: E não valia sobrenome e não valia apelido. Tinha que ser realmente o primeiro nome da pessoa. E a gente começou essa brincadeira assim. Cada um anotava num caderno e de vez em quando a gente batia as listas assim, sabe? Pra ver como a gente estava avançando, como a gente estava progredindo.

Bia Guimarães: Talvez, pra amiga do Daniel, essa lista fosse só um jeito de se divertir, de brincar com essa fase da vida cheia de descobertas e de hormônios pegando fogo. Talvez você também tenha feito algo parecido na adolescência, eu mesma devo ter mantido uma listinha básica por algum tempo.

Mas pro Daniel, tudo isso tinha um outro significado. Se antes ele tava cheio de inseguranças sobre a aparência e sobre a vida afetiva dele, ver a lista de beijos crescendo – em números e em letras do alfabeto – trazia um certo conforto.

Daniel: Registrar isso, pra mim, também tinha esse lado meio de: "Meu, olha só onde você chegou". Sabe? E conforme o tempo foi passando, essa minha amiga meio que desencanou da lista dela, e eu mantive.

Bia Guimarães: Vai fazer 14 anos² que essa coleção tá rolando. E a catalogação dela mudou um pouco de lá pra cá. Porque, né, a forma de catalogar reflete o espírito do tempo.

No começo, era tudo analógico. O Daniel anotava num caderno o nome e um sobrenome dos meninos que ele beijava. Mas quanto mais a lista aumentava, mais chato era manter esse método. A cada nova adição, ele tinha que ficar apagando e reordenando as pessoas pra não sair da ordem alfabética.

Então, por volta de 2014, a lista foi promovida. Ela virou uma planilha do Excel – do Google planilhas, na verdade, pro Daniel poder atualizar ela de qualquer lugar. E com o tempo ela também foi ganhando mais detalhes.

Daniel: Ai, eu posso mostrar?

Bia Guimarães: Nessa hora, ele compartilhou a tela dele comigo. E lá tava ela.

Daniel: Essa é a planilha.

Bia Guimarães: Visualmente falando, a planilha dele não tem nada de mais.

Daniel: É uma planilha de linhas com cores alternadas.

Bia Guimarães: E aí tem as colunas, separando as informações. Na coluna principal são os nomes, em ordem alfabética, de todos os caras que o Daniel já beijou – e, sim, ele sempre pergunta o nome da pessoa, mesmo que o beijo aconteça no meio de um bloco de carnaval.

Aí tem uma coluna que contabiliza todos esses caras.

Daniel: Esse aqui foi o 50, e assim por diante.

Bia Guimarães: E ele não conta as repetições. Ou seja, cada pessoa só aparece uma vez na lista, mesmo que eles tenham ficado várias vezes.

Tem outra coluna onde ele destaca os números marcantes. Tipo as centenas cheias: quem foi o número 400, o número 500... Quando a gente conversou, o Daniel tava prestes a chegar no número 800.

Ele falou que tem gente que acha esse número muito alto, mas tem gente que acha até pouco. Dá uma média de quase 60 beijos inéditos por ano – mas claro que tem bastante diferença de ano pra ano.

² 27 de março.

Teve períodos mais tranquilos – em que ele tava num relacionamento mais fixo, por exemplo –, e teve períodos mais intensos. Dá pra ter uma ideia disso quando a gente vai pra segunda aba da planilha.

Daniel: Aqui tem a tabela, por ano.

Bia Guimarães: Lá tem um gráfico que mostra a evolução, a quantidade de beijos ao longo do tempo. A cada nova inserção de nome na primeira aba, esses dados são atualizados automaticamente. E aí tem um outro gráfico do lado.

Daniel: Eu preciso te dizer que eu não gosto desse nome, mas é que eu não consigo pensar num termo melhor. Essa é a taxa de conversão ou aproveitamento.

Bia Guimarães: Tipo, quantos beijos viraram sexo?

Daniel: Exato. Exatamente.

Bia Guimarães: O Daniel sabe que algumas pessoas podem estranhar essa coleção que ele faz, essa planilha de homens que já passaram pela vida dele. E ele sabe que tem gente que pode olhar pra isso com certo preconceito. Com doses de homofobia. Esse é um dos motivos pelos quais ele preferiu não usar o nome verdadeiro dele nessa história. Ele não chama Daniel.

A lista do Daniel é e num é uma brincadeira. Ou melhor, é uma brincadeira em que as regras são levadas a sério.

Conforme os amigos foram sabendo da planilha de beijos, ser o cara que vai ocupar um número cheio – tipo alguma centena cheia – virou um negócio meio honroso. Tipo figurinha brilhante.

Não só ele gosta que pessoas especiais pra ele ocupem esses marcos numéricos, como alguns amigos dele chegam a pedir pra ter uma vaga dessas. Inclusive amigos dele que não são gays, são hétero – *e, não, um cara beijar outro cara não torna ele gay, só pra esclarecer.*

Daniel: O 1000 está reservado desde os 600. Um investidor a longuíssimo prazo em mercado de ações futuras.

Bia Guimarães: Pra essas reservas darem certo, precisa de um pouco de organização também. Quando vai chegando o número que a pessoa reservou, o Daniel vai avisando. "Ó, tá chegando a sua vez", "ó, só faltam dois pra chegar em você".

E se acontece de chegar a vez do cara que fez a reserva e ele tá fora da cidade ou, por algum motivo, não tá disponível pra dar o beijo naquele período, o Daniel não pode beijar gente nova nesse meio-tempo. Claro, pra não burlar a reserva, né? E aí, se bate a vontade de ficar com alguém...

Daniel: Eu fico com pessoas repetidas, porque elas não entram de novo na lista, entendeu?

Bia Guimarães: Mas voltando pro ponto principal da lista. O motivo pelo qual ela nasceu: o alfabeto de beijos.

Batendo o olho na planilha, já dá pra ver que algumas letras se repetem um monte. Até porque tem uns nomes que são os clássicos dessa geração – que é a minha também.

Daniel: Gabriels... 36. 41 Lucas.

Bia Guimarães: Mas outras letras demoraram muito pra aparecer. Foi o caso do Z – lembrando que não valia apelido, tipo Zé, tinha que ser o nome mesmo.

E a outra quase impossível foi o X.

Daniel: Eu fiquei esperando anos por um Xavier, mas o Xavier nunca veio. E acabei ficando com um vizinho chinês cujo nome começava com a letra X. Um querido também, a gente ficou algumas vezes. E eu acho importante eu trazer isso também, de que eu não fiquei com as pessoas por causa da letra do nome delas. Isso aconteceu espontaneamente. Mas como eu tenho esse registro, eu posso dizer que essas foram as letras que mais demoraram pra aparecer.

E hoje a única letra que está faltando é a letra Q.

Bia Guimarães: A letra Q. Se uma das funções das listas é a gente entender o que tem e o que falta, na planilha de beijos do Daniel tá lá piscando a letra Q. Na verdade, tá piscando a ausência da letra Q.

Bia Guimarães: Você já parou para pensar em algumas possibilidades?

Daniel: Já, mas nenhuma que eu conheça no Brasil. Mas tem Quentin, que é francês, tipo Quentin, que nem o Quentin Tarantino.

Bia Guimarães: Verdade...

Daniel: Tem uns nomes de velho. Quitério...

Bia Guimarães: Por falta de uma lista telefônica – *perdão, Umberto Eco* –, eu dei uma sondada no Google pra ver alguns dos nomes mais comuns, ou menos

incomuns, com a letra Q. E aí joguei os principais achados naquela plataforma do IBGE, que mostra a presença desses nomes na população brasileira.

Tem registro de um tanto de Quintinos, mas a maioria nasceu nos anos 1940, então acho que fica meio fora dos interesses do Daniel.

Os Quintos e os Querubins também tiveram sua época lá atrás. Os Quitérios andam bem raros, assim como os Quirinos, os Querinos, os Quincas, os Quins, os Quicos e os Queiroz – sim, Queiroz às vezes é usado como primeiro nome.

Dos nomes que eu pesquisei, eu só enxerguei algum sinal de esperança em Quemuel – que subiu dos anos 80 pra cá – e Quelson – que teve um pequeno pico nos anos 80 e depois caiu.

Mas assim, no geral, tá complicado. Não tá faltando a letra Q só na lista de beijos, tá faltando a letra Q na população brasileira. Esse furo de reportagem você só ouve aqui, no Rádio Novelo Apresenta!

Mas já teve vezes em que o Daniel olhou pra planilha dele e se perguntou se tinha outra coisa faltando.

Daniel: As pessoas sempre falam "nossa, mas essa planilha, ela é o testemunho do seu sucesso na vida afetiva e na sua vida amorosa". Mas por muito tempo, essa planilha representava para mim o oposto. Do tipo "meu, você está no número 500 e você ainda não arrumou o príncipe encantado", sabe assim? Às vezes eu... apesar de ser uma pessoa que vive de forma não-monogâmica há uma década, às vezes eu sou visitado por essas expectativas românticas e monogâmicas que a gente cresce ouvindo, né?

Bia Guimarães: É curioso isso de como as listas, classificações e coleções que a gente faz, e a maneira como a gente organiza elas, essas coisas não dizem só sobre a gente. Às vezes elas trazem pistas do mundo lá fora.

A lista do Daniel traz aquelas pistas sobre os nomes – ou as letras iniciais de nomes – mais e menos comuns no Brasil, ou pelo menos nos círculos que ele frequenta... E lá no gráfico de evolução da planilha do Daniel, dá pra enxergar certinho o período da pandemia. Teve uma queda brusca nos beijos.

Tem uma outra conexão dessas, que vão do particular pro coletivo. Um fenômeno que o Daniel percebeu recentemente.

Daniel: Eu passei a frequentar o TikTok no ano passado, e apareceu no TikTok uma dessas tendências, uma trend, que se chama Alfabeijo.

Que é esses adolescentes fazendo exatamente o que eu fazia com a minha amiga no nosso caderno, só que na forma de vídeo.

Bia Guimarães: Nesses vídeos, as letras do alfabeto vão passando uma a uma na tela. E aí a pessoa reage a cada letra.

Daniel: E aí, quando elas fazem uma dancinha ou indicam alguma coisa, isso significa que elas já beijaram alguém com aquela letra.

Bia Guimarães: Eu dei uma zapeada por alguns vídeos dessa trend. E, na maioria que eu vi, tava faltando a letra Q, e também o X, o Z, às vezes o W, o Y, o U...

E sabe aquela retrospectiva que o Spotify faz no final do ano? Que mostra um balanço dos gêneros musicais que você mais ouviu, os artistas, os podcasts e tal? No final do ano passado, o Daniel viu surgirem algumas retrospectivas diferentes nas redes sociais. De gente fazendo um balanço dos *dates* do ano. Dos encontros.

Daniel: Com gráficos, com lugar, aproveitamento, não sei o que. Eu falei "Meu..."

[Vídeo Glória]

Glória: Nós tivemos um pico de date no segundo trimestre do ano.

Bia Guimarães: Num dos vídeos que rodaram por aí, uma atriz chamada Glória Maciel mostra até uma apresentação de slides com os dados dela.

Glória: Temos uma predominância de encontro em barzinho. Quanto aos signos, podemos ver uma predominância de envolvimento de pessoas com signo de elemento água...

Bia Guimarães: É um nível de detalhe que, com todo respeito, deixa a planilha do Daniel no chinelo. Mas, em defesa dele, quando ele começou era tudo mato. E a lista dele tava só anotada num caderninho.

Glória: Quanto aos nomes bíblicos, vitória! Ano passado, 71% das pessoas que eu me envolvi possuíam nomes bíblicos, e esse ano o número diminuiu pra 15%.

Bia Guimarães: Um lado do Daniel achou essas *trends* divertidas. Ele acabou descobrindo que tem muito mais gente por aí que aprecia esses registros.

Mas, por outro lado, ele fica pensando se esse fenômeno não tem um cheirinho de Black Mirror. Se não seria um sinal de que a gente tá informatizando tudo. Que até as nossas relações afetivas e experiências de vida tão virando números e dados.

Daniel: Eu tenho um pouco essa preocupação. Porque, pra mim, não é sobre isso.

Bia Guimarães: Por que você faz isso? Existe uma resposta?

Daniel: Eu acho que a minha resposta hoje pra essa pergunta ela vai muito num lugar de, tipo, eu não quero esquecer. Eu quero ter isso guardado de alguma forma, sabe? "Ah, mas você quer lembrar daquela pessoa que você beijou uma única vez num bloquinho de carnaval por 3 segundos?" Sim. Eu quero. As nossas memórias e as coisas que atravessam a nossa vida, os filmes, os objetos, as pessoas, os eventos, querendo ou não, são as coisas que nos formam, sabe? E eu sinto que – pra mim, pelo menos – é muito difícil lidar com a ideia de perder essas coisas, essas pessoas, essas informações. E acho que talvez esse registro, ele me ajuda a apaziguar essa angústia existencial de esquecer. De perder as coisas.

Bia Guimarães: No ano passado, o Daniel comentou sobre a planilha com o psicólogo e depois com o psiquiatra dele.

Daniel: "Eu acho que isso é uma parte importante da minha história, da minha personalidade, para além da minha dificuldade de dormir ou para além dos meus episódios de depressão, acho que é bom eu falar que eu tenho uma lista, e piriri pororó..."

Bia Guimarães: Na verdade, já fazia um tempo que ele vinha pensando que talvez a cabeça dele não funcionasse igual a da maioria das pessoas. Não por causa da lista em si, mas um pouco por causa da maneira dele de lidar com as coisas no geral, de organizar a vida. Desde pequeno.

Daniel: Eu lembro, por exemplo, de brincar de Lego com outras crianças, e eu via que as outras crianças brincavam de uma forma meio aleatória, sabe? Elas iam colando as pecinhas umas nas outras sem respeitar um padrão de cor, um padrão de simetria. E eu lembro que desde muito cedo isso era uma coisa que me incomodava muito. Então tipo, eu tinha que usar só os bloquinhos azuis. O que tinha do lado esquerdo, tinha que ser exatamente o que estava do lado direito. E eu lembro de perceber que isso era uma coisa que não incomodava as outras crianças, mas que me incomodava, sabe assim?

Bia Guimarães: Ao longo da vida, ele foi percebendo outras coisas que costumam, sim, ser importantes pra muita gente. Organização, planejamento, prazos, horários. Mas que, pra ele, eram quase questão de sobrevivência.

Por exemplo, a chefe dele pede pra ele fazer um planejamento mensal, mas isso não é suficiente pra ele ficar tranquilo quanto ao futuro. Sempre que dá, ele planeja logo o semestre todo. E outro exemplo: quando alguém desmarca um compromisso com ele em cima da hora, mesmo que seja um compromisso de lazer, isso não é só

chato ou frustrante pra ele. É sofrido. Algumas pessoas ao redor dele também notavam essas coisas.

Daniel: Tanto é que, veja bem, o primeiro episódio da Rádio Novelo que eu escutei foi aquele episódio em que a moça descobre o diagnóstico de TEA adulta. E por que eu escutei esse episódio? Porque a minha irmã me mandou.

Bia Guimarães: É o episódio "O que há um nome", que tem uma história relacionada ao TEA, o Transtorno do Espectro Autista. A irmã do Daniel lembrou dele quando ouviu.

Daniel: E quando eu falei pela primeira vez para o meu psicólogo, eu falei com ainda alguma suspeita interna de que isso poderia ser algum traço de TEA.

Bia Guimarães: O psicólogo do Daniel, levando em conta tudo mais o que ele já sabia sobre ele, disse que achava que esse não era bem o caminho. Mas que seria legal ele levar essa questão pro psiquiatra. Foi aí que o psiquiatra trouxe uma outra possibilidade.

Daniel: "Pelo que eu conheço ou pelo que você relatou, eu acho que é mais compatível com isto aqui". E foi assim que ele me apresentou esse Transtorno de Personalidade Obsessivo-Compulsiva.

Bia Guimarães: Transtorno de Personalidade Obsessivo-Compulsiva. E, não, ele não tá falando do TOC, o Transtorno Obsessivo-Compulsivo.

Quando a gente pensa no TOC, vem na cabeça aqueles comportamentos repetitivos, né? Aquela pessoa que tem pensamentos indesejados e intrusivos que levam ela a fazer determinada coisa daquele determinado jeito. Como se fosse um ritual. Tipo lavar as mãos obsessivamente, nunca pisar na divisão entre os pisos, ou ficar contando as coisas, tipo os passos pra ir de um lugar até o outro.

O Transtorno de Personalidade Obsessivo-Compulsiva é outra coisa. Ele tem a ver com uma preocupação generalizada da pessoa de controlar, organizar e planejar tudo da maneira que ela considera correta. Alguns traços são o perfeccionismo excessivo, o apego nos detalhes, uma teimosia e uma rigidez muito grande com regras e procedimentos. A ponto de incomodar a própria pessoa e quem tá em volta dela.

Claro que ter sistemas de organização, por si só – tipo fazer listas, montar cronograma –, não significa que alguém tenha esse transtorno. É todo um conjunto de fatores que só um profissional pode avaliar direitinho.

Daniel: quando veio essa indicativa diagnóstica do Transtorno de Personalidade Obsessivo-Compulsiva, meio que tudo se encaixou.

Bia Guimarães: O Daniel falou que saber desse transtorno não mudou muita coisa na rotina dele, nem na da família dele. E ele não se compara com pessoas que sofrem preconceito por causa do diagnóstico que elas têm ou que tem condições que geram um sofrimento debilitante. No caso dele, o tratamento é continuar com a terapia.

Daniel: Em terapia, o que eu tenho conseguido fazer é calibrar um pouco a minha expectativa, sabe assim? Na minha vida profissional e na minha vida acadêmica, eu não tenho nenhum problema. Mas talvez na minha esfera íntima e pessoal eu tenha. Porque, no fim das contas, eu tenho certas expectativas de organização e de prazos que a maioria das pessoas não tem. Então eu já estive em relações com pessoas que tinham uma relação com o tempo completamente diferente da minha. E era um sofrimento para mim, sabe?

Bia Guimarães: Pra além de algumas estratégias que ele incorporou na vida dele – tipo a que ele chama de "atraso social", que é chegar numa festa sempre uma hora depois do que tá marcado no convite (*e ainda assim sempre ser o primeiro a chegar*) –, o que mais mudou pro Daniel foi a forma como ele se entende no mundo.

Daniel: Ela trouxe pra mim um alívio muito grande. Porque acho que essa sensação de que a minha cabeça funcionava de um jeito muito diferente das pessoas que estavam em volta de mim, ela sempre foi uma constante. E acho que isso ajudou a dar um contorno para eu conseguir explicar para mim mesmo.

Bia Guimarães: Ter esse tipo de planejamento é como se te aquietasse? Te satisfizesse de certa forma?

Daniel: É, eu acho que diminui minha ansiedade. Esse transtorno está muito relacionado a mecanismos para lidar com a ansiedade. E essa coisa do planejamento, do controle excessivo, é uma forma de lidar com a ansiedade. Tipo, de diminuir a imprevisibilidade da vida, do futuro, enfim, né?

Bia Guimarães: Quando o Daniel escreveu pra gente pra contar essa história, a ideia dele era falar de como a lista dos beijos ajudou ele a descobrir mais sobre ele

mesmo. Mas ele também queria muito que o episódio ajudasse ele a completar a coleção que ele começou lá atrás. Que a gente ajudasse ele a encontrar a letra Q. Então eu fiz ele gravar um chamado completo, tipo aqueles anúncios antigos de classificados.

Daniel: Você, homem, cujo nome – primeiro nome – começa com a letra Q, comente nas redes sociais da Rádio Novelo para eu te encontrar...

Bia Guimarães: Aí eu ia terminar a história com essa convocação. E a gente ia torcer pra letra Q aparecer.

Daniel: Não precisa casar comigo, não precisa de nenhum comprometimento além de um beijo...

Bia Guimarães: Eu tinha certeza – e ele também – que o Mister Q não ia aparecer de repente nesse meio-tempo. Que ele não ia encontrar a parte que faltava antes da publicação do episódio.

Mas... Por mais que a gente faça lista, planilha, planejamento, cronograma e tudo mais, um tanto de imprevisibilidade sempre fica.

No meu último dia pra fechar esse roteiro, o Daniel me mandou uma mensagem assim: "Bia, acho que vai acontecer hoje de tarde". E aí ele me mandou um print de uma conversa dele, num desses aplicativos de paquera.

O Daniel tá lá conversando com um cara, já nas vias de marcar um encontro, e finalmente ele pergunta pro cara: "Qual o seu nome?" – porque nesse aplicativo que ele tava, a maioria das pessoas não coloca o nome no perfil. Coloca um apelido ou algo do tipo. E o nome de usuário desse pretendente não trazia nenhuma pista do nome real dele.

Bom, ele fez a pergunta... e aí o cara respondeu... que o nome dele era... bom, eu não vou falar o nome dele aqui pra não expor, mas... é um nome que começa com a letra Q. E mais tarde, naquele mesmo dia, ele me mandou outra mensagem, dizendo: "aconteceu".

Daniel: Aconteceu a letra Q depois de toda essa tentativa de encontrar uma letra Q usando o podcast da Rádio Novelo. Acho que seria muito difícil encontrar um brasileiro, mas esse rapaz era de origem sino-alemã e o nome dele começava com a letra Q. Foi um encontro bastante carinhoso... Confesso que eu estou meio perdido nessa sensação em relação à planilha, como eu me sinto agora que eu completei o alfabeto [risos]. Acho que eu jamais – nunca, quando

eu era adolescente, eu imaginaria que eu ia ganhar a competição com a minha amiga, e não ela. E olha onde estamos agora. E eu fiquei feliz que foi uma coisa espontânea, assim, tipo, eu não fiquei com ele porque o nome dele começava com a letra Q. Eu fiquei com ele porque ele era um garoto legal, interessante e de brinde, de bônus, ele completou o meu alfabeto. Talvez eu assopre uma velinha de letra Q em um bolo para comemorar? Talvez. Talvez eu faça isso.

Branca Vianna: Essa história foi produzida pela Bia Guimarães.

Obrigada por escutar mais um episódio do Rádio Novelo Apresenta.

No post desse episódio no nosso site, tem link pra dissertação de mestrado da Daniele Negrão, com a foto do coração do Santos Dumont no potinho do Dr. Haberfeld. Também dá pra apreciar a aparição do coração no programa do Gugu, e dar uma olhada em algumas das retrospectivas amorosas que o pessoal andou publicando por aí.

Quando tiver no nosso site, fica o convite pra assinar nossa newsletter, que abre alas pro episódio toda quinta-feira de manhã.

Se você tem uma história que você acha que deveria estar no Rádio Novelo Apresenta, tem uma seção no site com todas as orientações, chamada “envie uma pauta”.

E lembrando sempre que os episódios do Rádio Novelo Apresenta são disponíveis nos principais aplicativos de áudio. Você pode seguir a gente no Spotify, no Apple Podcasts, no Amazon Music... Na Deezer, é só favoritar. Também dá pra se inscrever no Google Podcasts, no Castbox e no canal da Rádio Novelo no YouTube.

Se você for recomendar ou comentar sobre algum episódio nosso nas redes sociais, marca a gente. Nosso perfil é @radionovelo, tanto no Twitter quanto no Instagram.

O Rádio Novelo Apresenta é um original da Rádio Novelo. Tem episódio novo toda quinta-feira.

A direção criativa é da Paula Scarpin e da Flora Thomson-DeVeaux, e a produção executiva é do Guilherme Alpendre.

A gerência executiva é da Marcela Casaca e a gerência de produto é da Juliana Jaeger.

Nossos produtores sênior são o Vitor Hugo Brandalise, a Évelin Argenta, a Bia Guimarães e a Sarah Azoubel.

As produtoras da nossa equipe são a Bárbara Rubira, a Natália Silva, e a Júlia Matos.

A checagem deste episódio foi feita pelo Bruno Lima e pela Denise Ribeiro.

Nesse episódio, a gente usou música original do Chico Corrêa, e também da Blue Dot.

A mixagem é do Pipoca Sound.

O desenvolvimento de produto e audiência é feito pela Bia Ribeiro.

O design das nossas peças é do Gustavo Nascimento.

E a nossa analista administrativa e financeira é a Thainá Nogueira.

A gente queria agradecer a Gabriela Andrade e o Daniel Barros pela ajuda na história do coração do Santos Dumont e da planilha do Daniel, respectivamente.

Obrigada, e até a semana que vem.